

QUINTA-FEIRA
Lisboa -- 10 de Maio -- 1928

5 TOSTÕES

2.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

103

sempre

fixe semanário humorístico

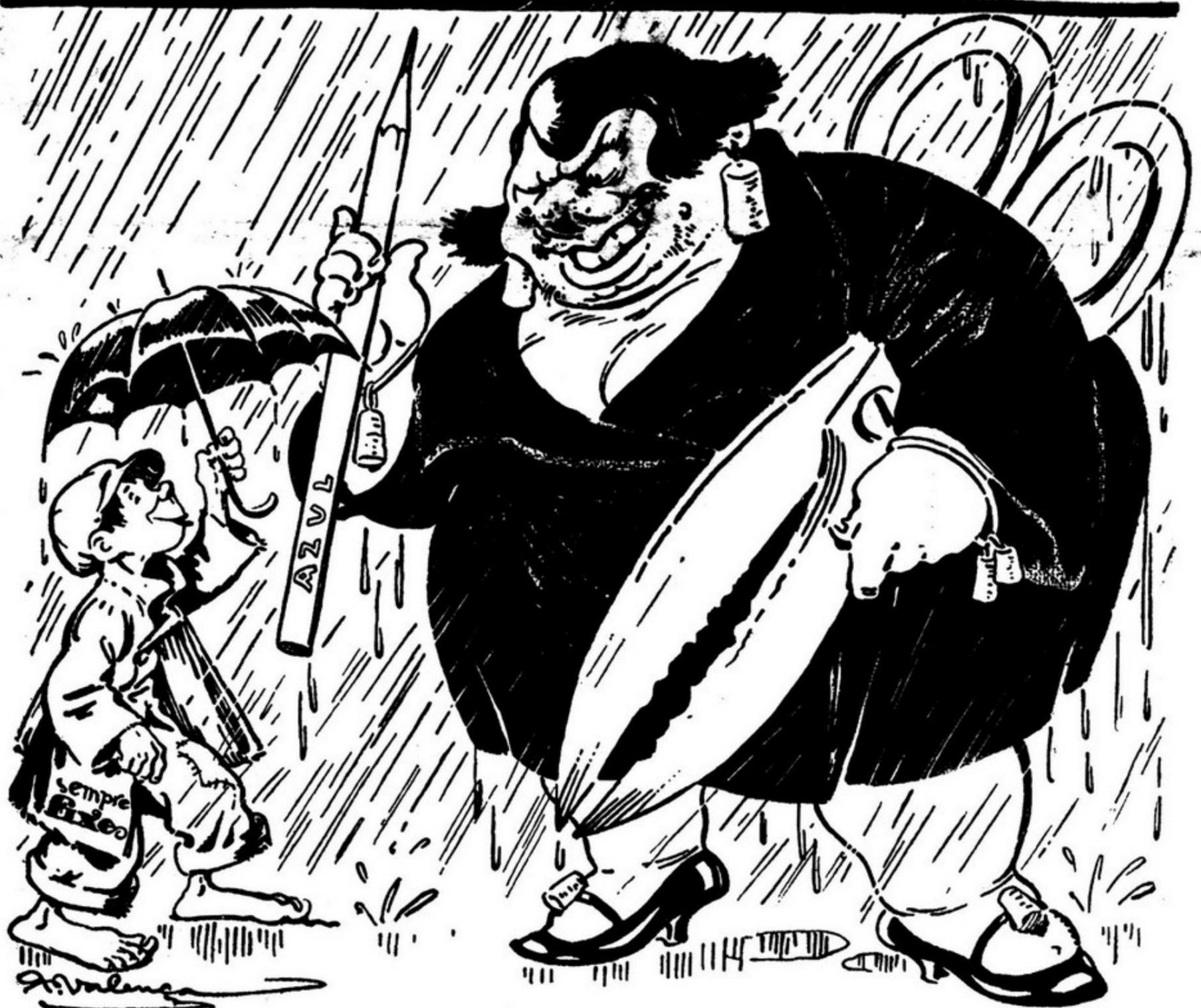


Propriedade
RENASÇENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57

MAIO CHUVOSO



- Quer utilizar-se do meu chapéu?
- Não. Chuva de Maio faz a gente formosa.
- Com uma carranca dessas, não ha chuva que chegue.



Os ditos da semana



Trocar duas balas

Quando dois homens se encontram frente a frente, com as mesmas aspirações ou com os mesmos interesses, e não chegam a acordo, azeda-se a discussão, chega a mostarda aos narizes, e os insultos espirram em palavras mais ou menos sonoras, impelindo-os um contra o outro para se agatanharem. Neste ponto, a humanidade não se distingue de dois cães deante do mesmo osso. Mas, porque *noblesse oblige*, os homens não se agatanham. Formalizam-se, invergam a sobrecasaca dos grandes momentos e vão para o campo.

Dir se-hia que vão tomar ares. Puro engano. Vão-se dar ares. Vão-se dar ares de que um insulto se lava com sangue, quando, na verdade, se qualquer deles fizer um golpe num dedo e manchar a camisa de sangue, logo se apressa a manda-la lavar, evidentiíssima prova de que o sangue não lava, mas suja.

Egrimem no ar, espedeiraram para a esquerda e para a direita, no meio dum círculo de curiosos, muito convencidos do seu papel, até que um dá parte de fraco. E, aqueles dois homens que momentos antes estavam capazes de se comerem, de se matarem, caem, às vezes, nos braços um do outro, unindo os corações que ha um instante desejavam espetar de lado a lado. Nada melhor para atestar a generosidade do coração humano, mas, nada melhor também, para demonstrar que nós andamos neste mundo apenas para espantar o indigena.

O duelo, excepção feita do duelo á antiga portugueza, com um bom lodano nas unhas, em que a pendencia se derime fulminantemente, transformando o local do insulto no local do sinistro se o tiver de haver, é uma coisa tão ridicula que vem a proposito um caso que Ramalho Ortigão costumava contar. Tinha o auctor das *Farpas* um

amigo inglez que, por coincidência, veio a Portugal numa ocasião em que os duelos se sucediam como doença epidemica. Arranhando alguma coisa da nossa lingua o inglez lia os jornais e neles o relato das pendencias. Nessa epoca os duelos da moda eram todos á pistola e os relatos terminavam sempre assim. «Trocaram-se duas balas sem resultado.» Aquilo dava que pensar ao inglez. Para compreender tamanha transcendencia, comprou os codigos mais afamados, estudou-os minuciosamente e ficou na mesma. Restava-lhe apenas um recurso — Ramalho Ortigão. Tirou-se dos seus cuidados e foi procura-lo. Disse-lhe ao que ia. Precisava que ele lhe explicasse aquilo e perguntava:

As pistolas com que se batem, não são eguaes?

—São.

—As circunstancias em que se colocam no campo não são eguaes?

—São.

—As balas não são eguaes?

—São.

—Então, se são eguaes, para que trocam eles duas balas?

Ramalho Ortigão confessava:

—Não pude responder-lhe.

Cadeia da sorte

Chegou agora a nossa vez. Recebemos a cadeia da sorte. Ha pelo menos uma

pessoa interessada em nos fazer feliz e para isso nos envia um papel que era assim, sem lhe alterar uma virgula nem a gramatica:

Boa sorte: perpetuar a Cadeia

Saude—Boa Sorte: perpetuar a cadeia — Deve tirar nove copias iguaes a esta e remeter cada uma a nove pessoas a quem deseja que tenham boa sorte e que devem viver o mais longe possivel do local onde viver. Esta cadeia foi iniciada por um coronel do exercito americano e tem que dar voltas ao treze voltas ao mundo queira fazer isto dentro das vinte e quatro horas em que receber esta folha se lhe for possivel. Não quebre esta cadeia porque isso pode ocasionar-lhe a sua ruina. Deve contar nove dias depois ter tirado as nove copias e neste intervalo receberá qualquer beneficio e se não proceder desta forma terá um desgosto.

Dados concretos a este respeito:

O sr. Luis da provincia de Caracas deve a fortuna a ter cumprido exactamente com as indicações da presente. O sr. Alvarez da cidade de Victoria dentro de nove dias recebeu o premio de 20.000 pesos da lotaria Afichoacan na importancia acima. O sr. Francisco Montes da Cidade de Oca não tomou a sério esta cadeia e dentro de nove dias depois de ter recebido a presente desmoronou-se uma casa de propriedade sua estando lá dentro toda a familia.

O Senhor saberá o que deve fazer.

Sabemos muito bem. Atiramos a felicidade que mão anonima, mas amiga, nos envia, para traz das costas e formu-

lamos um pedido: que nos envie, em vez da cadeia da sorte que faz apanhar a taluda, apenas o numero da sorte grande da proxima lotaria que nós prometemos remeter nove copias a nove caras unhas.

A bicha de selo deendencia

Durante dez dias, é obrigatória a afixação do selo pombalino na correspondencia.

Quem quizer escrever á familia tem de entrar em maiores despesas. Não basta o selo de 40 centavos. O correio exige mais 15 centavos para ajuda do monumento. Ninguém, nem mesmo os catolicos mais ferrenhos, negam á memoria do Marquez de Pombal uma estampilha. Ninguém se preocupa com sete e meio, nem com o cuspo que se gasta a mais nestes dias. Mas preocupamo-nos nós todos com a massada da bicha: O correio geral apresenta um aspecto verdadeiramente confrangedor. A bicha começa debaixo da Arcada, dá duas ou trez voltas ao Terreiro do Paço, enfia pela rua Augusta, corta o Rocio em diagonal, passa em frente do Avenida Palace, sobe a Avenida, entra no Parque Eduardo VII e, nos dias do *foot-ball*, entretém-se a ver a bola do quadro magico com que o *Diario de Noticias* conseguiu realizar o homem electrico, porque, como os leitores sabem, toda a electricidade do quadro maravilhoso provém da mão que acciona a bola, conforme lhe canta o telone.

Os que ficam no lim, no rado da bicha, costumam chegar ao *guichet* do correio geral, seis mezes depois da data que se festeja com as estampilhas. Parece, á primeira vista que era caso para desistir da compra, mas ninguém arreda pé dali. As estampilhas servem para a mesma data, no ano seguinte.

Os dois pombais



POMBAL — Muito cuspo e selos teem gasto no meu pombal... Com menos refiz eu Lisboa.



—Que lastima, que hoje não se constroem ruinas como as antigas...



— Ora ainda bem. O medico tinha-me recomendado que tomasse banhos.

O animatograto e os papos-secos

Diálogo entre dois moços so te pos

Gilberto: — Já foste vêr ao São Luís Metropolitano? (numa acentuação francesa).

Admar: — Dizem-me que o film se filia num genero moderno em que antevemos uma sociedade futura, sem obstaculos de especie alguma.

Gilberto: — A Mimi veio de lá muito preocupada com aquela crescente velocidade do progresso humano.

Admar: — Verdadeiramente! Se o progresso vai crescendo desta maneira, meu querido Gilberto, onde iremos para...

Gilberto: — Devo dizer-te que não me assusto. (Com um ar dengoso). As sensações fortes são o meu fraco.

Admar: — De muita alma é que eu gosto. Nada de frouxidão. Ora o progresso não se detem e, quanto mais ele fór crescendo, mais os homens modernos, como nós, vão sentindo satisfação!

Gilberto: — Nem tanto ao mar, nem tanto á terra... Eu ainda gosto de coisas do retrocesso. Nem sempre o cubismo.

Admar: — Cubismo é um termo mal sonante; eu prefiro futurismo. E, parecendo que não, ha certa diferença entre os dois termos... A palavra cubismo, localiza mais a acção, enquanto que futurismo determina a posição do individuo a respeito do tempo e do espaço. O futuro, a frente. Cubismo, parecendo mais moderno, é mais recuado. E' uma forma antiquada, quasi uma medida de capacidade.

Gilberto: — Ora deixa-te de divagações a proposito do Metropolitano... A mania que nós temos em inverter...

Admar: — Inverter, não... Verter em boa linguagem!

Gilberto: — Olha, meu querido... E o Beau Geste, que tal?

Admar: — Nem por isso; enganou-me o título. Julguei uma coisa... e saiu-me outra!

Gilberto: — Afinal, a Grande Parada é o melhor de tudo. Sempre é uma fita com movimento. Da musica é que não gostei. Quando estamos no melhor da festa, em extase, rompe um bombo que nos atordoa. Calcula que a Pepa estava ao pé do namorado quando rompeu a fuzilaria... Ficaram sem pinga de sangue e já não houve meio de recomeçar... o idílio!

Admar: — Atrás de mim estava um aspirante da Escola Militar que se entusiasmou tanto que me obrigou a pôr na posição de sentido.

Gilberto: — E tu, puzeste-te?

Admar: — Foi logo, de mais a mais estava na frente e sou futurista!

Gilberto: — Agora é que eu te digo que conseguiste meter o Beau Geste na Grande Parada.

Admar: — O contrario é que seria para admirar entre rapazes como nós, da boa sociedade.

Gilberto: — Pois eu tinha voltado as costas ao aspirante com um arremeço...

Admar: — Afinal vinha tudo a dar no mesmo.

(Nesta altura desce o pano).

Mademoiselle Honte.



— Que está a tocar?
— Mozart.
— Não conheço.
— Pudera, se ele já morreu ha tantos anos...

A auspiciosa revelação de Pacheco Junior, humorista

Nesta terra de sensaborões, odeia-se a originalidade. Em compensação, quanta tinta, quanto papel, quanto tempo se não gastam na reprodução de banalidades de toda a especie. Fala-se muito na maneira como se triunfa na vida, e nunca se pensou no sem numero de factos curiosissimos que saltariam dos bicos da pena do humorista que tivesse a feliz inspiração, para sempre bendita, pelas salutares rizadas que provocaria, de inverter as situações, revelando até onde se pode descer.

Confesso modestamente que apesar de ignorado, tive essa felicissima inspiração como se pode depreender deste meu escrito intitulado:

C... desce na vida

Z... de automóvel, mesmo quando... apetece andar a pé. Um dia, vê-se obrigado a vender o carro e adquire uma motociclete. Mais tarde troca-a por uma bicyclete. Esta quebra-se num desastre e passa a andar de electrico. Successivos revezes de fortuna obrigam-no a ensinar a uma parrelha de cavalos vulgares de Lineu o caminho de Alcantara. E passa a andar de carroça. Por fim desemprega-se e anda a pé. Até que uma paralizia o retém em casa e o imobiliza.

M... é uma grande vedeta de revista. Os jornais tecem-lhe os mais entusiasticos elogios: chamam-lhe a Mistinguet portuguesa e a mais branca rival da Josefina Backer. Repentinamente, passa a segunda figura da companhia. E desce depois a terceira. E a quarta. E quando passa inteiramente despercebida aos olhos do publico é incluída entre a falange anónima dos figurantes, donde nunca devia ter saído—segundo murmurariam os maldizentes.

X... é um grande escritor. Seus livros, pelo que dizem os jornais mais ponderados, avidamente disputados pelo publico vão passar á posteridade, tal é o genio que os ilumina, em clarões eternos de beleza. Repentinamente, passa a ser elogiado pelo sr. Alfredo Pimenta e o publico desconfiado, deixa que a traça lhe róa as edições nos depositos das livrarias. Os jornais fazem, á sua volta, o silencio. Um deles, mais sincero ou mais irreverente, confessa que se enganou e declara que o sr. X não teia dois patacos de talento.

E X continua a sua decadencia, redigindo o Borda de Agua e algumas canções de torpe obscenidade. Um dia, com grande surpresa sua, veri-

fica que se lhe varreram da memoria todas as regras da gramatica. «Se é que alguma vez as conhecia»—pensa—com amargo scepticismo aquelle que um dia chegou a ser, na sua terra, um illustre e glorioso escritor.

R... é um militar illustre, feito general por concurso e por distincção. Passava a coronel, e a tenente-coronel. E descia vertiginosamente a alferes. E a sargento, e a cabo, e a corneta do regimento e a recruta. Acabava, por suprema descenção, a comandar um exercito de quatorze garotos de pé descalço, com paus, aos ombros e á cintura, simulando de espingardas e de espadas—ele que chegara a comandar uma divisão militar!

B... é anarquista. Aspira a emancipar a humanidade. Detesta a guerra, odeia o militarismo, condena as leis, nega Deus e ameaça os capitalistas com a expropriação. Torna-se republicano e defende a existencia do Exercito para salvaguarda da Patria; afirma que em democracia, acima das classes, existe a Igualdade. Todos, ricos e pobres, estúpidos e inteligentes, são, indistintamente, uma coisa unica e eterna—o povo soberano. Não é ainda um crente, mas não deixa de reconhecer que a religião é necessaria ás pessoas incultas, como guia de conduta moral.

Converte-se á Monarquia. Adora o sr. D. Manuel e louva, sem reservas, o Conselho Superior da Gausa Monarquica. Diz mal das Novidades, acusa o sr. Lino Neto de se curvar perante a Maçonaria e defende, em altos gritos, o regresso dos jesuitas.

Mais tarde, proclama-se integralista e destrona o sr. D. Manuel e aclama rei, no seu espirito, é claro, o sr. D. Duarte Nuno. Lamenta não poder ser mais tradicionalista. Quando morreu, sonhando com o restabelecimento da Inquisição, levou para o tumulo um desgosto que para um ex-amigo da liberdade como ele, devia ser superior á propria morte: —nunca ter sido director das Cadeias.

J... foi rico, feliz, talentoso. Os homens invejaram-no, as mulheres adoraram-no, a Patria tornou-o seu simbolo. Um dia desceu até onde um homem pode descer. Perdeu tudo: a riqueza, a ventura, o talento e o amor; quere dizer—morreu...

O mesmo acontecerá tambem a este seu criado e predestinado humorista

Pacheco Junior

Pela copia

Cristiano Lima.



— Quem é aquele, Ferreira de Castro?
— E' o Castelo de Morais.
— Qual historia? uma ruina daquelas só pode ser o Castelo de Almada.

Lições de zoologia

A mulher

E' um dos poucos animais não especificados, mas apreciadissimo pelo bicho homem. Eu, por exemplo, faço colecção...

A Mulher pode parecer-se com um tigre, um leão, um leopardo ou um urso. E' uma questão de traje, mas se alguma letora fór á serra com o descrição, escusa de responder ao abrigo da Lei de Imprensa. Se o fizer, obterá esta resposta: Quem não quizer ser urso, não lhe vista a pele!

E' carnívora, pois anda a carne, mamífera até aos 5 meses de idade e apreciadora de homens dos 14 para cima. Tambem é frequentemente vítima da doença Moda, que umas vezes lhe dá para cortar o cabelo, outras para usar uma rede a tapar-lhe os olhos, o que não concordo, pois achava preferível que lhe tapasse a boca...

Possue uma qualidade: apresenta-se geralmente semi-nua. Estes animais, uns dão-se, outros vendem-se e muitos alugam-se. A mulher, ao contrario dos objectos de Arte, quanto mais antiga mais desvalorizada fica. A forma mais pratica de apreciar tal exemplar é ir ao Jardim Zoologico até á paragem dos electricos da carreira Rossio-Graça.

O bicho em questão está bem cotado na Bolsa do Homem, mas já muitos tem ficado arruinados por adquirir daquelas acções.

Mais matreira que a raposa e mais volúvel que uma Gata Angora, a Mulher é um daqueles animais que, quando atingem a idade perigosa de Balzac, prégam com o Homem no cemiterio mais proximo.

Duas mulheres e um homem juntos provocam uma scena de duos, três mulheres reunidas uma intrigo e mais de três, mil mexericos! Na generalidade, a Mulher é um bicho dificil de aturar quando ciumenta. Este exemplar, quando atinge o titule de sogra, sofre uma transformação radical e passa a ser uma autentica hiena!

O animal mais parecido com a Mulher é a Amante.

Kocix.

Bortes grandes?
só o PINA se vende
75 Rua de S. Paulo — 77



— Porque será que a lua é tão pallida?
— Ora, minha filha, não vêes que ella passa as noites todas em claro.

BOM HUMOR

Reflexões filosoficas Elevador da Gloria

No tribunal:
 O juiz:—O reu tem mais alguma coisa a alegar em sua defeza?
 O reu:— Não, sr. juiz. Queria apenas que me condenasse antes do meio dia... para chegar á prisão a tempo de comer o rancho.

* * *

O pai, depois de pagar uma conta de livros:— Nunca julguei que os estudos custassem tanto!
 O filho:— Já vêes que tenho razão. E' por isso mesmo que estudo tão pouco...

* * *

Num banquete:
 — E como é que pôde viver tanto tempo numa terra de antropofagos sem ser devorado?
 — Muito simples. Só saía de casa nos dias de jejum...

* * *

Na rua:
 A senhora:— Porque choras?
 Joanito:— Tinha hoje doce á sobremesa, em minha casa.
 A senhora:— E é por isso que choras?
 Joanito:— E' Não encontro o caminho de casa...

* * *

— Papá. Ajuda-me a encontrar o maximo divisor comum?
 — Mas era isso o que, no meu tempo, procuravamos no collegio. Ainda não o encontraram?

* * *

Na rua, a pé:
 Ela:— Quando eramos sadios iamoss sempre de automovel.
 Ele:— Sim, mas agora quero que toda a gente presencie a nossa felicidade.

* * *

No tribunal:— Primeiro, minha senhora, diga-me a sua idade. Só depois poderá prestar juramento...

* * *

Entre amigos:
 — Estou alegriissimo. Minha mulher fugiu ontem com um cabeleireiro.
 — Mas não julgo que o facto seja para rir.
 — Cala-te, homem! Fugiu, mas esqueceu-se de levar a dentadura postica...

* * *

Na 5.ª audiencia:
 O juiz:—O reu diz que escalou a janela, surpreendeu a vitima, a senhora Januaria, de cincoenta anos de idade, e a beijou. Que tem que alegar em sua defeza?
 — Que se me apagou a lanterna momentos antes...

* * *

Num atelier de pintor futurista:
 — O senhor estranha que eu pinte as coisas tal como as vejo? ?
 — Não! O que estranharia é que eu as visse como o senhor as pinta...



—Acho as modas agora tão exageradas.
 —E' verdade. Cada vez tenho mais saudades das modas antigas.

sobre os arbitros de "foot-ball,"

O arbitro é um animal que se encontra: nos campos de foot-ball, nas fotografias das equipes e nos banquetes que costumam realizar-se após os desafios.

* * *

Segundo os melhores tratados de psiquiatria, trata-se dum maniaco que toma o titulo perigoso de arbitro e faz de policia dentro do terreno do jogo.

O seu divertimento predilecto é o de apitar constantemente, o que lhe vale o mais profundo desprezo de todo o jogador consciente do seu valor...

Algumas vezes, o publico alia-se aos jogadores para pronunciar o anatema. E' de esperar que, daqui a alguns anos, os jogadores se resolvam a massacrar o objecto individuo.

* * *

O arbitro assobia e é assobiado. Os que triumpham dizem que nunca viram uma arbitragem tão má. Os que perdem — esses, nem o queriam para engraxador...

* * *

Diz-se que um arbitro é um juiz. E que julga em primeira e ultima instancia — sem apêlos. Isto é falso! São constantes os protestos — a apelar...

* * *

Por isso mesmo, a opinião geral sobre o juiz é sempre esta:
 — E' um idiota!
 Quando se dedicou á arbitragem, o pobre homem tinha, naturalmente, algum desejo de gloria, alguma ambição de autoridade.
 Agora, afirma constantemente: que se val deixar daquillo.

Mas não pode, porque já adquiriu o vicio.

E era até capaz de ficar doente se, todos os domingos, não fosse insultado...

* * *

Antes de principiari o desafio, vê-se o arbitro atirar ao ar uma moeda. Serão os resultados resolvidos de antemão: — por caras ou cunhos? E' uma coisa que importa pouco, porque o publico ha de ser sempre de opinião contrária.

* * *

Parece que ha arbitros que conhecem as regras do jogo. Tudo é possivel neste mundo...

* * *

Em todo o caso, é contrario a todo o bom senso que as faltas dum jogador recaiam sobre a equipe. Esta iniquidade não é admitida, em materia civil ou criminal, por nenhuma jurisprudencia.

Além disso, quando um grupo comete uma falta, o juiz manda aplicar um pontapé na bola.

Seria mais logico e mais justo dar o pontapé no jogador que cometeu a falta.

* * *

Quando um arbitro só castiga as faltas dum dos grupos, não imaginem por isso que ele, como Camões, só tem um olho...

* * *

Quando se marca um goal, toda a gente aplaude. Só o arbitro assobia! E' talvez original — mas também é estúpido.

Carlos Sergio



— Confesse que gostaria de me vêr cem metros de baixo da terra...
 — Que ideia. Um metro chegava...

A população de Lisboa aumenta constantemente. Quem vai ao Jardim Zoologico fica pasmado. A macacaria reproduz-se duma maneira extraordinaria. E até já lhe contruíram para pouzio e ouzio uma aldeia, onde ha, entre outros estabelecimentos publicos, uma taberna e um mictorio. Ao que parece, o macaco toma os habitos da terra onde vive. Daquí, o seu gosto pelo côco, o seu habito de verter aguas e a sua paixão pela bebida.

Tal qual, como nós! Não ha papa-gaio, nem macaco que não vá parar ao Jardim Zoologico. Quem se vê livre de qualquer destas prendas é considerado amigo do Jardim. Ainda no domingo passado, um anonimo para não ofuscar os brios da arvore genealogica, ofereceu, um chimpanzé, ao que parece, educadissimo, pois que começou logo a viver com outros chimpanzés, como se estivesse em familia. Já estava habituado...

Na mesma lista de oferecimentos generosos destacam-se um pavão e uma pintada. Esta ave, saltatoria, é muito comum em Lisboa. Tão comum que dispensa passeio, vizita, e contumelias, á gaiola, no Jardim. Basta seguir rua abaixo... São aos bandos... Pintadas até ao sabugo, e do sabugo para cima. Usam as penas, perdão, as saias por cima do joelho—com medo das inundações. Espanejam-se que é um gosto! Deixam-se apanhar com facilidade. Para as domesticar basta um punhado de milho, contanto que seja graúdo...

Pavões também não faltam. Quando vão para o poleiro—estendem a cauda... Cantam de alto, e olham-nos como se não nos conhecessem...

Como vêm, o Jardim Zoologico está bem abastecido. Melhor ou tão bem, como o mercado lisboeta. Há amostras de tudo.

Faltamos lá nós para completar o quadro. Já faltou mais... E daí, quem sabe, talvez seja o unico ponto do país onde se possa exercer o dom magnifico da palavra que, como se diz, foi dado ao homem para conviver com os seus semelhantes.

AS MELHORES CEIAS
 são as da PENINHA
 Os melhores jantares ao domicilio
 são os da PENINHA
 67, Rua Pascoal de Melo, 69
 Telefone Norte 5582 (4 Estalarias)



— Ontem comi carne de cavalo e, passado um bocado, senti o estomago aos pulos.
 — Devia ser um belo cavalo. Até dava pulos depois de morto...

FADO TEATRAL

(CHORADINHO)

«*Água Fresca*» e «*Água Pés*», «*Fado Liró*», «*Vinho Novo*», o teatro, agora, é a alegria do Povo.

Dos tempos do *Infante Santa* á Ditadura presente, o teatro, certamente, tem tido fases de encanto, mas nenhuma quadrou tanto ao gosto do nosso «Zé» como a d'hoje, pois até, para o trazer consolado, com fartura lhe tem dado «*Água Fresca*» e «*Água Pés*».

P'ra mim, que a Scena idolatro, é sempre a fita corrida *A Senhora Aparecida* p'ra dar cabo do teatro, e embora já mais de quatro explorem o bom do Povo com tal arte, que não louvo, será perdida a trama, que o Povo só quer «ramboiã», «*Fado Liró*», «*Vinho Novo*».

No «Foz», toda graça e riso, uma Revista se leva e visto que «a dão» com *Eva* é tal qual um Paraizo. Como em teatro é preciso ter só palavras de fé, *Jorge Cadete*, em maré de muito boa chalaça, afirma: que boa praça o teatro, agora, é.

Demonio, o genio do mal, já não inquieta as actrizes e todas, muito felizes, cheias de graça real, são *Rosas de Portugal* entreabrindo de novo e com elas me comovo neste fadinho chorado, pois é sempre o triste fado a alegria do Povo.

A. Fixe.

O sabão e a libra

Tal e qual como a barquinha subindo atrás do balão, assim atrás da *librinha* subia sempre o sabão.

Companheiros de tormenta em tão veloz ascensão: subia a libra a noventa... era a noventa o sabão.

E nada, nada os detem nessa ascensional desgraça: passa a libra a valer cem, logo a cem o sabão passa.

Sempre juntos no revez, irmãos unidos, lá vão... chega a libra a cento e dez, a cento e dez o sabão.

O cambio, com um acinte, sobe, galga, tudo assusta: chega a libra a cento e vinte, cento e vinte o sabão custa.

Mas subito, os dois — é vê! — tomam posições distintas: começa a libra a descer e o sabão... 'stá-se nas tintas.

João Triste.



—Vamos ter banhos publicos.
—Ora verá como vão reclamar as praias de Santander e San Sebastian.
—E' natural, porque deixaremos de sair no verão.

P6-P6-P6-P6...

Controversia automobilista

(A scena passa-se na Brasileira do Chiado).

— Estou a reconhecê-lo... Foi o senhor quem, esta manhã, me ia atropelando no Rossio.

— Lembro-me perfeitamente... O senhor até me chamou: selvagem, bandido e assassino...

— E' verdade. Mas essas palavras eram réplicas que se impunham... O senhor já me tinha chamado imbecil, cretino e pateta alegre.

— E foi merecido... Pode dizer-se que o senhor é que se deitou debaixo do carro — e se não fôsse o meu sangue frio...

— Ora... o seu sangue frio... Se eu escapei do seu automovel mal conduzido, foi graças á minha agilidade e á minha presença de espirito.

— Não diga isso! O senhor estava no meio da rua com o ar dum homem desorientado, dum naufrago cego...

— Não! O que eu era: — era um pobre transeunte, cercado, submerso por esses veiculos que tem o habito nefasto e homicida de considerar os peões como intrusos, como caçadores furtivos em expedição ilegal sobre os vossos terrenos: as calçadas.

— Mas é que é mesmo assim. Os passeios pertencem aos transeuntes e as calçadas aos veiculos.

— Isso é um erro. O meio da rua é tão nosso como vosso. Basta vêr que, para passar dum passeio para o outro, vêmo-nos na obrigação estrita de nos servirmos dele. Os *chauffeurs* é que não querem saber dos peões...

— O senhor não me quer fazer crêr que os desastres são todos devidos aos automobilistas, quando todas as estatísticas feitas no estrangeiro provam que noventa por cento são originados pelos transeuntes.

— Eu acredito lá nessas estatísticas feitas para enganar o povinho! Baseio-me na minha experiencia de velho lisboeta. Todos os dias a circulação se torna mais difficil, mais perigosa... As ruas de Lisboa tornaram-se estreitas para os automoveis escandalosamente prolificos! E os pobres peões veem crescer as probabilidades de serem reduzidos a carne picada para *croquettes*.

— E o senhor cuida que os automo-

bilistas não tem tambem a sua quota parte de mortos e feridos?

— Eu só afirmo uma coisa: — todos os *chauffeurs* são imprudentes. Todos querem andar depressa demais.

— E eu sustento que os peões são todos malucos, que vão de cabeça baixa, direitos ao obstaculo... Que diabo! Não é difficil esperar junto da valeta que os automoveis tenham passado!

— E' isso mesmo. Andamos a olhar para o chão por causa das cascas de laranja. Os senhores querem que os transeuntes criem cabelos brancos em cima dos passeios.

— Está percebido que não é possivel entendermo-nos. Os senhores odeiam os automobilistas porque guiar um carro é sinal de riqueza... E' a inveja que suscita a maior partes das recriminações...

— E aos senhores é a vossa mentalidade de novos ricos, é o vosso desprezo pelos gastadores de solas, que ditam a argumentação cheia de odio... Um entendimento? Perfeitamente: — no dia em que não houver automobilistas... ou só houver automobilistas!

* * *

(A scena passa-se no Rossio, umas semanas depois).

— Veja lá se toma mais cuidado! Ia-me atropelando com o estupor do carro!

— Para a outra vez, fique no passeio quando ouvir a buzina.

— Fico no passeio? Seu malandro! Bandido!

— Idiota! Pateta alegre!

— Mas... perdão... a sua cara... e esse *pateta alegre* não me são desconhecidos.

— Com effeito, parece-me que já em qualquer parte...

— Ah! Já sei! A nossa discussão na Brasileira do Chiado.

— Perfeitamente!

— Então o senhor comprou um automovel?

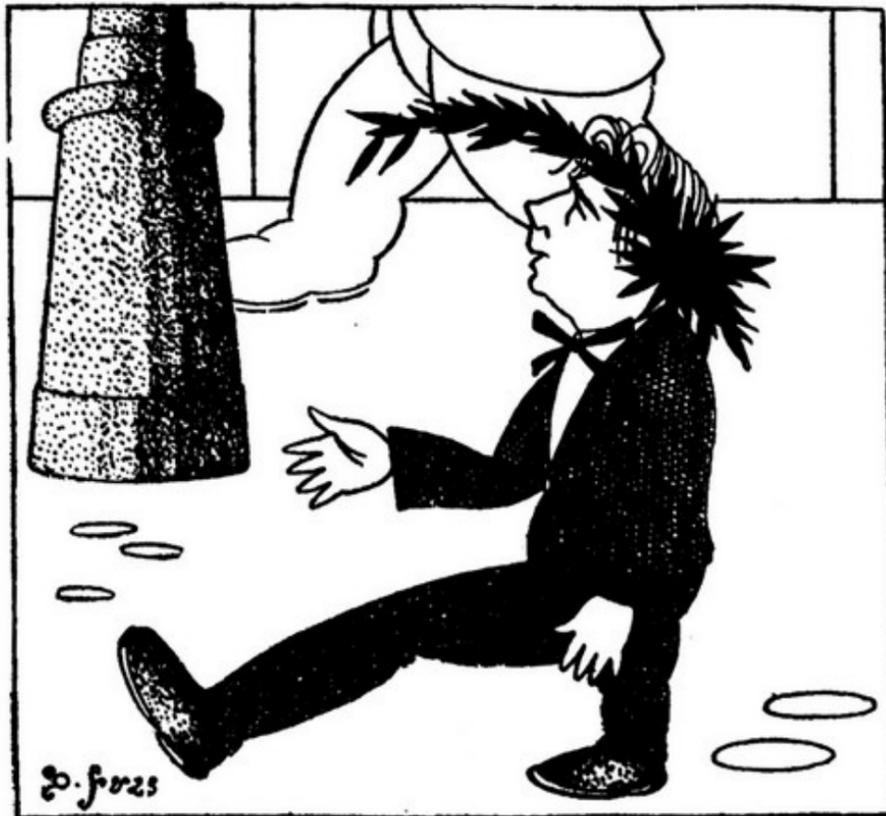
— Como está vendo... Graças a uma simpatica herança... E o seu carro, que é feito dele?

— O meu... Maus negocios... Tive que o vender...

C. S.

ARTISTAS PORTUGUESES

JOAQUIM LOPES



Que tem pinta de pintor
E que não é quem se pinta
Mas pinta seja o que fôr,
Não ha ninguém que o não sinta
Ao vêr seu grande valor.
P'ra que fiquem na memoria

Seus quadros, — que são tesouros, —
D. Fuas dá-lhe a victoria;
Lá vai c'roado de louros
A caminhar para a Gloria.

A. L.



Excepto no caldo verde...

A anedota costuma ser sempre constituida por um dito equivoquo, uma situação ridicula ou uma calinada daquelas que é vulgar chamar de *pal-matoria*.

Esta é apenas um dito com espirito, tendo a realçá-la o ter sido absolutamente autentica.

A scena desenrola-se na aula de fisica do 3.º ano do curso comercial de uma escola.

A lição nesse dia incide sobre o calor e suas propriedades. E o sr. Vila Cova explica:

— Para se produzir calor basta o movimento, sabido como está que todo o movimento produz calor...

— Excepto no caldo verde! — diz de lá o Mantas, muito convencido.

Mas Vila Cova, não tendo ouvido o aparte, continua a lição. A certa altura torna a repetir:

—...Ora como todo o movimento produz calor...

E logo no mesmo tom acode o Mantas.

—...excepto no caldo verde...

Desta vez, Vila Cova ouviu mas, como achasse o dito disparatado ou porque não quizesse interromper a lição para castigar o espirituoso, limitou-se a fixá-lo, carregando o sob'olho. E estava-se quasi no fim da aula quando Vila Cova, no final da sua exposição, mais uma vez elucida:

— Todo o movimento, pois, produz calor.

— Excepto no caldo verde, sr. Vila Cova — interrompe o Mantas, dirigindo-se-lhe:

Vila Cova desta vez não se conteve: — Venha cá o senhor! Já o ouvi dizer isso ha pouco e confesso que não lhe achei graça nenhuma. Que quer o senhor dizer com isso?

— Perdão, sr. Vila Cova, é muito simples. O movimento que se dá á colher sobre o caldo verde, quando este está a esaludar, não produz calor, serve antes para arrefecer o dito caldo. Não acha?...

Terminava a hora da aula e o Vila Cova achou prudente não responder e retirou-se sorrindo. Tinha-lhe achado graça...

Sortes grandes T

só o PINA se vende
75 — Rua de S. Paulo — 77



—Mas para que são tantos exercicios?

—Estou-me preparando para casar com a sua filha.



— Maria, você não encontrou uma nota de cinco escudos sobre a mesa da cozinha?

— Encontrei, sim. Muito obrigado, patrão.

Se não tem graça...

O nosso Luiz Figueira era um rapaz muito engraçado e levado da breca. E sempre que aparecia qual-quer coisa num jornal, que poderia considerar-se uma garotice ou maldade engraçada, não faltava quem lhe atribuísse a paternidade do facto.

Ha dias, a proposito duma piada espirituosissima a um artista teatral, cuja paternidade lhe foi atribuida, o Luiz Figueira contou esta anedota francesa, que é, afinal, o unico motivo do artigo:

«O sr. Belchior Mouton, era um funcionario publico exemplar.

Cuidadoso até ao extremo com o serviço, raro chegava á repartição, fora da hora regulamentar.

Mas, todos os dias, o nosso homem, que tinha pela esposa e pelos trez filhos um amor extraordinario, tinha que zangar-se com a consorte, pela sua constante falta de cuidado no arranjo da casa.

Uma manhã, que Belchior Mouton se levantara um pouco mais tarde, como bom funcionario que era esforçava-se, tanto quanto possível, para mesmo assim, chegar á repartição sem atrazo de maior.

Todavia, a esposa sempre desculpada, não lhe tinha tratado da roupa.

—«E é você mãe de três filhos... A gravata neste estado; a camisa assim... E mãe de três filhos! Brada aos ceus!...»

Já enfarpelado, Belchior Mouton, encaminhou-se para a porta, resmungando sempre:

—«E mãe de três filhos!... Brada aos ceus!...»

—Tem paciencia, filho—dizia ela. Belchior Mouton, irritou-se mais ainda, e, ao sair para a escada, exclamou:

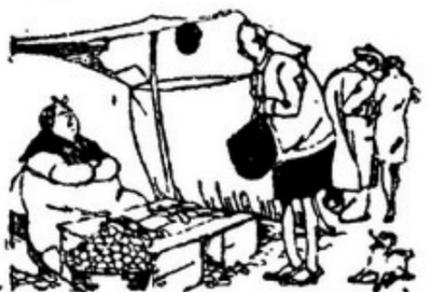
—Adeus, mãe de três filhos...

—Adeus, pai de dois—retorquiu ela baixinho.



— Ah! meu pobre amigo! Admirei a coragem com que acompanhaste tua mulher até á ultima morada.

— Pois que queres? Nunca tive confiança nela.



A freguesa — O cãozinho morde? O cão—Mas aonde, minha senhora?

PROSA DE CHA VELHO Excesso de sorte

A prosa que vamos transcrever — poesia lhe chama o seu autor — cabe perfeitamente nesta secção de *Prosa de cha velho*.

Trata-se dum livrinho de capa verde, «Canticos da terra joven, ritmo verde da America, canticos da terra adusta», e o seu autor dedica a obra «com a sua simpatia intelectual da sua geração pelo espirito do Povo que saudou a Renascença do alto das caravelas». Mas, logo de entrada, depara-se com este bocadinho de ouro-verde em que o poeta se esquece de nós para julgar que foi Colombo o descobridor do Brasil e da sua Parahyba, onde reside na Rua Nova, 241.

«12 de Outubro tornou-se o oitavo dia de Deus! Edipo da Realidade Maravilhosa — Colombo! tu decifraste o enigma do Novo Mundo, que a Sagres propuzera a esfinge azul do Atlantico... Seguiu-te o sorriso longinquo dos horisontes... Tu — beduíno marítimo e cristão — foste no encaicho de uma miragem por um deserto de espumas e ondas, até que — um dia — vês aves voando n acosta proxima... hervas marinhas, que vais cortando... Chegas! e como um deus arbitrario, negas mil seculos num momento milenario! — mil seculos de Geografia e Tradição! Tudo clama! Tudo clama que aqueles sonhadores dos oceanos — ora rubros de sol nos Trópicos de chama — ora gelados em regiões antarticas remotas, vieram gerar um novo mundo neste teu ventre de india brava! E estamos ainda ás tuas aguas proximas — como ha cinco seculos... Ah! são sargaços ainda, que te indicam apenas a existencia proxima, — estas ideias que se voltam para o enigma profundo do teu espirito — America! Somos ainda tradução! Da Europa chegam-nos ideias, indolés, temperamentos... (Da velha França tambe mnos chegam figurinos de al-

mas...) Quando seremos nós — nós mesmos — RAÇA NOVA — Concepção?! Homem do Novo Mundo! Poeta brasileiro! Poeta brasileiro! quando perceberás a grande alma verde da Patria?»

E este outro bocadinho:

CHARLESTON

«Charleston! Charleston Joelhos que jogam! que jogo de schymmy nos colos que ostentam no luxo das joias pombos gêmeos jazzbandeando, que arfam... Guigam. Jogam joelhos na vertigem negra! Charleston! charleston! braços de marmore enlaçam-se a dórso... como dançam luzidios smockings, casacas no salão sonoro e cheio!!! Charleston, charleston! é o ritmo d'Africa! Ah! Jogo de colos que schymmy de joelhos! E' o ritmo d'Africa nas salas perplexos dos Brancos que gingam, que ajoelham no Jazz, — no ritmo negro! (Nos fôfos triclinios dos Cesares mortos, estiram-se os Barbaros: Vandalos, Gódos; tropéis de cavallo! ginete de Atila! e o ginete de Atila atropela deuses, atropela tripodes pelo Capitolio! Patricias insignes os seios entregam — como Anforas lividas — a beijos famintos de barbas hirsutas no templo de Apolo...) Nova-York-Paris — joelhos jogam! que jogo de colos de girls fulgentes de joias... (no colo de treva de ethiopes gnereiras — branquejam dentes de inimigos mortos;) charleston charleston ministros, estadistas, grandes nomes, grandes titulos marchando rodopiando ora ajoelhando ora de cócoras... charleston charleston Jazz-band Nova-York Batuques de bombo e bambos bambús que nadegás bambas de pretas que bailam, que acabam com o banzo, no oitão das cabanas, lá sob os coqueiros das praias do Congo...»

Ora digam lá que isto não é prosa de cha velho?!



Alves da Cunha, ou um grande actor que agarra, com a garra, casas á cunha

Um amigo, que tem a mania de contar anedotas, impingiu-me em tempos uma, que se não é igual, é muito parecida com a seguinte:

Falecera o paroco dum pequeno lugarejo e o Bispo nomeara para o substituir, um padre, ainda novo, ha pouco saído do seminario, mas que pela sua impecavel conduta, gran-geara a simpatia do prelado.

Quiz, porém, este, antes do novo paroco tomar conta do lugar, dar-lhe alguns conselhos e sujeitá-lo a varias experiencias, em que desejava pôr á prova as suas tendencias para o cargo que ia ocupar.

Chamado á presença do Bispo, o padre escuto, silencioso e atento, as suas observações, respondendo depois, respeitosa, mas convictamente, ás perguntas que lhe eram dirigidas.

—Suponhamos — dizia o austero Bispo — que o iam chamar a casa, numa noite tempestuosa, em que a chuva caísse em fortes bategas e em que os caminhos estivessem quasi intransitaveis, para prestar os ultimos sacramentos a uma agonizante O que faria Vossa Reverendissima?

—Iria, custasse o que custasse! respondeu, resolutamente, o padre.

—Mesmo que, para o fazer, tivesse que passar precipicios, cometer verdadeiras temeridades?

—Mesmo com risco da minha vida — iria! volveu o padre, no mesmo tom firme.

—Muito bem! Suponhamos agora que V.ª R.ª chegava e era levado a um quarto, onde uma mulher formosissima se erguesse do leito e exclamasse:

—Meu padre! Perdê-me, mas eu não estou morrendo! Estou doente sim, mas do coração que ha muito lhe pertence a si, meu padre! Estou morrendo — sim, mas pelo seu amor, porque o desejo ardoroso!

«Como procederia, V.ª R.ª?»

—Eu — respondeu o padre — mostrar-lhe-ia que estava perdendo a sua alma. Procuraria, por todos os meios ao meu alcance, trazer para o rebanho a ovelha transviada que a tentação, afastara, convencendo-a que o seu amor por mim era uma loucura inconcebivel, porquanto o meu sacerdocio é incompativel com as paixões terrenas.

—Muito bem! Mas se ela se rojasse aos seus pés, lhe abraçasse os joelhos com os braços nus, suplicasse, implorasse — nada o demoveria?

—Nada! tornou convicto o padre.

—Estou satisfeito! Suponhamos, porém, que ela, perdida absolutamente, o abraçava, beijando-o sofredamente na boca — o que faria V.ª R.ª?

—O padre olhou então um pouco admirado para o Bispo. Teve um sorriso, que seria difficil definir, e respondeu num tom diferente:

—Ora, ora, sr. Bispo! Isso já era muita sorte junta!

Anibal Nazaré.



—O senhor parece-se imenso com a La Valliere. Nunca ouviu falar da favorita de Luis XIV?

—Não. Nem admira. Ha só dois meses que estou em Paris!



O que se diz e o que se não deve dizer

Os ultimos acontecimentos desportivos

O resultado mais sensacional dos desafios de domingo ultimo, para o campeonato nacional de foot-ball, foi a vitoria do Salgueiros sobre o Football Club do Porto, campeão vitalicio do Norte de Portugal.

Les dieux s'en vont...

Em Lisboa, o Casa Pia foi eliminado pelo Barreirense, apesar de ter nas redes o Zamora nacional. A oferta, antes do jogo, dum ramo de cravos, sensibilizou Roquete, e encravou-o...

Os outros resultados estão certos, pouco mais ou menos...

Um team de Coimbra queixou-se em tempos da maneira como fôra recebido em Fafe, numa eliminatória do campeonato de Portugal.

Pois a Fafe foi no domingo jogar com o mesmo team local e para a mesma prova o Sport Lisboa e Benfica. E os vermelhos triunfaram pela insignificancia de 6 a 1.

Donde se deduz que não é um mito a justiça de Fafe...

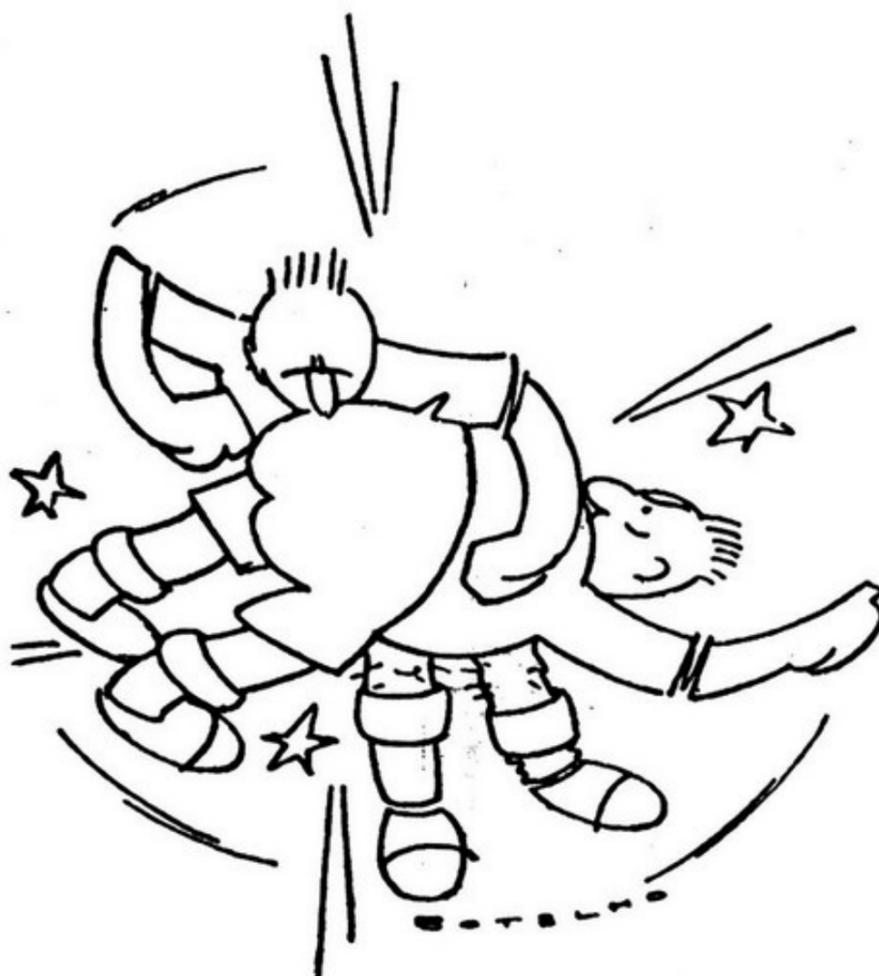
O ultimo notavel acontecimento para os amadores do desporto automobilista foi a exposição Studebaker.

A grande marca americana apresentou ao publico lisboeta dois dos seus mais raros modelos: o *President* e o *Director*. E confessaremos que são duas maravilhas, perfeitamente de acôrdo com as designações. Com um *President* e cinco *Directores* daqueles arranja-se uma direcção capaz de governar uma Companhia a 150 á hora.

Contudo, o *Sempre Fixe* atreve-se a propôr que *Studebaker* crie mais modelos e mais democraticos...

Por exemplo:

O *Empregado*—motor sem valvulas... e sem dinheiro.



Uma interessante fase de foot-ball Sporting-Imperio

A *Dactilografa*—motocicleta de dois cilindros, para altas compressões.

O *Groom*—bébé cyclecar.

O *Accionista*—camion para toda a carga...

A pequena historia que segue não foi inventada. Trata-se duma conversa surpreendida na Rua da Prata. A *Senhora Gorda* ia para a Praça da

Figueira. A *Senhora Magra* voltava da Praça...

A *Senhora Magra*—...E o seu filho Arnesto como está?

A *Senhora Gorda*—Está bom! Imagine: com dezoito anos e já pesa noventa e seis quilos!

A *Senhora Magra*—(suspirando)—O meu Julio só tem a pele e o osso...

A *Senhora Gorda* (ironica)—...Continua com o tal esporte, não é verdade?

A *Senhora Magra*—Nem me fale nisso. Só pensa no fot-bolê:

A *Senhora Gorda*—Se a *senhora* fizesse como eu, já isso não sucedia. No ano passado o Arnesto tambem me arreliou. Só pensava no rubi. Um dia apareceu em casa com um olho todo negro. E andava a cançar-se sem lucro nenhum!

«Todos os domingos era um sariho. Umaz vezes para o Lumiar, outras para Carcavelos... O diabo...

«Mas eu acabei com isso. Hoje e um rapaz modelo e dá-me muitas satisfações. Tem saude, engorda cada vez mais, e não me aparece com os olhos negros.

A *Senhora Magra*—E como passa ele os domingos?

A *Senhora Gorda*—Muito tranquilamente. Vai para uma cervejaria, lá ao pé de casa, e está todo o dia a jogar o dominó. No domingo passado até voltou um bocado alegre. Achei-lhe imensa graça...

A *Senhora Magra*—A *senhora* é mulher com sorte... O meu Julio é que não é capaz de me dar uma alegria assim!

Escreve-me um leitor para me comunicar um resultado sensacional de foot-ball. Trata-se do seguinte:

O terceiro team dum club em evidencia, bateu num treino, o primeiro team, por 4 a 2.

Não é costume os jornais publicarem os resultados de matches entre equipas do mesmo club—mesmo sensacionais. E o *Sempre Fixe* não foge á regra.

Mas sempre diremos ao nosso sollicito correspondente, que pode propôr aos dirigentes do seu club o que segue:

—«Passar para o primeiro team todos os jogadores do terceiro—e vice-versa...

Rebela-A-Boia.



— Quere que lhe taga o menê?
— Eu quero lá essa porcaria... Traga-me mas é um bom bife...



— Não me siga porque não sou o que julga.
— E eu que a julgava maravilhosa...



— Sei fazer todo o serviço.
— Oh, menina, tenha paciencia, já não preciso.



— Quem matou o Conde Andeiro.
— Não sei. O meu pai não quere que eu leia jornais.

Um preto branco



— Agora adivinha esta: Preto inglez, com preto francez fazem um heroe aviador.

— ?...

— Bleck no ar!...

Um roxo branco



— Ando apreensivo com uma coisa: — quasi todas as pessoas que bebem vinho teem uma côr avermelhada, mas tu bebes bastante e és palido!

— Não admira, só bebo «brancos»...

A DANÇA DO CASAMENTO



— A que devo a honra da sua visita?

— Venho nadir a mão de seu filho.

AS QUE ESCONDEM A EDADE



— Aqui tem você uma fotografia de quando eu tinha 16 anos.